

REABILITAÇÃO DE ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS NOS CONCELHOS DE FARO E OLHÃO

Águas do Algarve investe 4 milhões no sistema de saneamento

A empresa Águas do Algarve anunciou esta semana que vai arrancar com um novo investimento nos concelhos de Faro e Olhão, no valor aproximado de quatro milhões de euros.

Nesse âmbito, adjudicou no passado dia 30 de agosto a empreitada de reabilitação das Estações Elevatórias de Águas Residuais (EEAR) de Faro e de Olhão.

Estas estações elevatórias de águas residuais a reabilitar foram integradas no Sistema Multimunicipal de Saneamento do Algarve, sendo que as infraestruturas situadas no concelho de Faro entraram em funcionamento no ano de 1999 e as infraestruturas situadas no concelho de Olhão iniciaram a sua atividade no ano de 1991.

"Após duas décadas de funcionamento, quer pelas deficiências existentes, quer pelo avançado estado de degradação que atualmente se constata e que é comum às sete estações elevatórias de águas residuais, torna-se necessário proceder-se às intervenções preconizadas no projeto de reabilitação das EEAR de Faro e de Olhão", adianta a empresa responsável pelo abastecimento de água e pela rede de saneamento na região.

Segundo a Águas do Algarve, esta empreitada envolve a reabilitação de sete estações elevatórias de águas residuais situadas nos concelhos de Faro e de Olhão, que integram os subsistemas que afluirão à nova Estação de Tratamento de Águas Residuais de Faro-Olhão.

O prazo de execução da empreitada é de um ano.

"A Águas do Algarve congratula-se pela continuidade dos investimentos na região, na certeza de que os mesmos irão contribuir para uma melhoria significativa da qualidade de vida da população algarvia e do ambiente na sua globalidade", remata Teresa Fernandes, porta-voz da Águas do Algarve.



Desenvolvimento sustentável em destaque na Feira da Dieta Mediterrânica

na VI Feira da Dieta Mediterrânica, em Tavira, de 1 a 3 de setembro, divulgan- do a temática dos "Objetivos de Desenvolvimento Sustentável".

O centro vai promover o Prémio Europeu do Desenvolvimento Sustentável, criado por iniciativa da Comissão Europeia para dar a conhecer e recompensar os esforços e a criatividade dos cidadãos, empresas e organizações que promovem iniciativas que são oportunidades concretas de fazer cumprir os objetivos de desenvolvimento sustentável, e que podem servir de fonte de inspiração a outros. E todos se podem candidatar: jovens, entidades públicas, entidades privadas, sociedade civil.

O prazo para apresentação das candidaturas termina em 14 de setembro de 2018. O tema deste ano é "Mobilizar as pessoas e assegurar a inclusão e a igualdade".

O prémio não é monetário mas proporciona uma grande visibilidade ao atrair o interesse do público e dos meios de comunicação.

Na VI Feira da Dieta Mediterrânica, todos os dias pelas 19h00, acontecerá também "A maior lição do mundo", onde se darão a conhecer os rostos de projetos regionais que ajudam a cumprir estes objetivos do desenvolvimento sustentável, e que a equipa do CIED Algarve aponta como "potenciais candidatos ao Prémio Europeu do Desenvolvimento Sustentável".



Atualmente, mais de metade das pessoas que trabalham na indústria hoteleira e do turismo não recebe mais de 600 euros

A SOLUÇÃO PARA A FALTA DE MÃO-DE-OBRA DIVIDE OPINIÕES

Braço de ferro entre sindicatos e hoteleiros está para durar

Em causa está a dificuldade em arranjar trabalhadores para responder às necessidades das empresas ligadas ao turismo, alegada pelas associações de hoteleiros. Os sindicatos respondem que o principal problema não é a falta de pessoal, mas mantê-los no setor. E defendem "uma justa distribuição da riqueza" para tornar o setor mais atrativo para os trabalhadores. O tema está longe de gerar consensos

> NUNO COUTO

Está sem fim à vista o braço de ferro entre os sindicatos dos trabalhadores e as associações que representam as empresas hoteleiras e turísticas da região algarvia.

De um lado, estas associações queixam-se da falta de mão-de-obra por causa da dificuldade que os empresários estão a sentir para contratar trabalhadores. "A falta de mão-de-obra em quantidade e qualidade para responder às necessidades empresariais do setor hoteleiro e turístico constitui um dos maiores problemas estruturais do Algarve na atualidade", alerta a Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA), que tem o apoio da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP) nesta argumentação.

Em resposta, os sindicatos salientam que "o problema não é a falta de trabalhadores", mas sim "manter os trabalhadores no setor".

Na semana passada, o coordenador do Sindicato da Hotelaria do Algarve, Tiago Jacinto, a coordenadora da Federação dos Sindicatos da Hotelaria, Maria das Dores Gomes, e o coordenador da União dos Sindicatos do Algarve, António Goulart, realizaram uma conferência conjunta, em Albufeira, onde apontaram um rol de dificuldades que os trabalhadores enfrentam atualmente no setor do turismo. "O problema são os baixos salários, a precariedade também associada à sazonalidade, a crescente dificuldade em conciliar a vida profissional com a vida pessoal e familiar, o aumento dos ritmos e da penosidade do trabalho, a falta de perspetiva de uma carreira digna, o au-

mento dos casos de assédio laboral, a dificuldade de mobilidade entre a residência e o local de trabalho, a degradação das condições de alimentação, entre outros motivos", sublinharam os representantes dos três sindicatos.

"É imprescindível tornar mais justa a distribuição da riqueza"

Há pouco mais de um mês, a AHETA defendeu que "os estrangulamentos atualmente existentes nesta matéria resultam, em grande medida, da ancestral falta de mobilidade entre as zonas residenciais com maior concentração de trabalhadores e os respetivos locais de trabalho, localizados fora das áreas urbanas".

Nesse sentido, a associação até alertou os autarcas para "a necessidade de implementar políticas de habitação ativas a custos controlados", com o objetivo de "motivar e atrair mão-de-obra de outras regiões do país, mas também imigrantes oriundos de países terceiros".

Por seu lado, os sindicatos apontam outras soluções para tornar o setor mais atrativo para ajudar a fixar os trabalhadores. "Desde logo, é imprescindível melhorar e tornar mais justa a distribuição da riqueza criada pelos próprios trabalhadores, o que passa, inevitavelmente, por equilibrar a relação de forças no local de trabalho através de uma maior proteção aos trabalhadores", defendem.

O aumento do salário mínimo nacional para os 650 euros a partir de 2019, o pagamento do trabalho aos feriados com um acréscimo de 200%, o fim dos bancos de horas e a valorização do trabalho noturno com um acréscimo de 50%, são outras das reivindicações dos sindicalistas.

Balxos salários não atraem os trabalhadores

As estruturas sindicais apelam ainda ao Governo que garanta uma inspeção do trabalho "célere e eficaz", passando "de uma ação sensibilizadora para uma ação mais fiscalizadora e coerciva", no sentido de tomar o local de trabalho "num local mais saudável".

"Para um turismo de qualidade é indispensável valorizar o trabalho e os trabalhadores, repartir a riqueza criada de forma justa e proporcionar melhores condições de trabalho e de vida", rematam os sindicalistas.

Já este ano, no passado dia 8 de agosto, depois de negociações que se prolongaram por vários meses, as organizações representativas dos trabalhadores do setor da hotelaria e restauração alcançaram um acordo com a Associação dos Industriais da Hotelaria e Similares do Algarve (AIHSA), relativo à revisão do contrato coletivo de trabalho da hotelaria e similares do Algarve. A nova tabela salarial prevê um aumento "salarial médio de 3%", com efeitos a partir de janeiro deste ano, entre outras matérias.

Ainda assim, os sindicalistas não ficaram completamente satisfeitos com este acordo e dizem que se trata de um pequeno aumento, já que a tabela salarial esteve congelada desde 2009 e só no ano passado foi feita uma nova revisão.

Isto tudo acontece durante um verão em que as ofertas de emprego cresceram como cogumelos no Algarve, mas os baixos salários no setor do turismo estão a deixar muitos lugares vagos. Atualmente, mais de metade das pessoas que trabalham na indústria hoteleira e do turismo não recebe mais de 600 euros. É este o cenário do mercado de trabalho na região, que permanece muito condicionado pela sazonalidade.